

Agata Bloch

E-mail: agata.natalia.bloch@gmail.com

Nacionalidade: Polonesa

Doutoranda: Tadeusz Mateuffel Instituto da História, **Academia Polonesa de Ciências**, Varsóvia, Polônia

Mestranda: Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar, **Universidade Nova de Lisboa**, Portugal

A criação de “social networking” no Império Português no século XVII

1. Definição de „social networking”

O objetivo deste projeto é explorar a formação das primeiras redes sociais dentro do Império Português no século XVII, portanto, no auge de sua existência.

Na era digital, as redes tornaram-se um assunto de interesse nas várias disciplinas, e as ferramentas contemporâneas têm contribuído para a popularização da pesquisa acerca as sociedades de rede. Na história, destaque-se um grupo de pesquisa que opera sob o nome “Historical Network Research”.

Até recentemente, as redes sociais foram usadas pelos historiadores apenas em um sentido metafórico. Atualmente, a análise de rede é aplicada por eles, entre outros, no estudo da correspondência, movimentos sociais ou de parentesco. As redes sociais oferecem uma nova maneira de olhar para as relações interpessoais e este conceito, no contexto do meu estudo, deve ser entendido como os tratamentos específicos destinados a construir uma rede de contatos. O resultado do surgimento de redes sociais pode ser uma mudança cultural e de identidade, bem como as alterações no comportamento, ou padronização de determinados valores que, neste caso, podia levar ao nascimento da identidade portuguesa ultramarina.

A ferramenta principal desta pesquisa será a Análise de Redes Sociais (ing. Social Network Analysis), o método que usa a teoria de rede e teoria de grafos para o estudo da estrutura das relações entre diferentes tipos de atores sociais. O objeto desta análise não são,

portanto, as características destes indivíduos, mais uma ampla gama de relações entre eles - desde as relações interpessoais simples até as relações económicas ou políticas. Usando este método, em relação à sociedade colonial portuguesa, pretendo analisar a posição dos indivíduos na estrutura, extrair os grupos, focar-me nestas relações e, finalmente, fazer uma análise global da estrutura de toda a rede.

O estudo das redes sociais do Império Português pretendo realizar em dois níveis - por meio de análise quantitativa através da Análise de Rede, bem como por meio da análise qualitativa de nós selecionados, que será um complemento essencial para o primeiro. A fim de explicar o fenômeno das redes sociais, é necessário mostrar a troca de informação, que pode ser entendida como qualquer tipo de correspondência e cartas, em circulação formal e informal.

“Historical research has been conducted using the theories, methods and practices of the field of social network analysis. Conceptually, with its emphasis on the understanding that the actors and their actions are part of a saturated world of relations and dynamic bonds, this field opens up multiple possibilities of historical inquiry. What’s more, this approach sustains empirical work that can explore documental archives, textual sources or even oral history approaches”.¹

A definição de “social networking” que estou seguindo nas minhas pesquisas é “**A consciente política de estabelecimento das relações duradouras no Império Português**”

A ideia de social networking desenvolveu-se gradualmente desde as negociações comerciais no ultramar português até o surgimento de “social networking”, ou seja, os contatos comerciais e as negociações no âmbito socioeconômico levaram para a criação deste social networking.

A pergunta principal que coloco nas minhas pesquisas é como é que foi e funcionou a política da Coroa Portuguesa para estabelecer as relações duradouras no ramo do seu império.

¹ www.historicalnetworkresearch2015.wordpress.com (consultado em 31/05/2015)

Quando houvermos consciência do que o sucesso do Império Português se baseava na identidade ultramarina e no sentimento de apego dos Portugueses e dos seus filhos às colônias, podemos também evoluir com análise de “social networking” considerando-a como

- a. *A second social psychological attribute of social relations which has received considerable research attention is consensus or the sharing of common value, interests and attitudes.*²
- b. *Teoria de Barber de 1954: "The metaphorical use of the idea of the social network emphasizes that the social links of individuals in any given society ramify through that society. The analytical use of the idea of social network seeks to specify how this ramification influences the behavior of the people involved."*³

2. O Império Português do século XV - XVII

Império Português desempenhou um grande papel na escala mundial, por ser pela primeira vez na história do mundo um império marítimo e intercontinental, pois a metrópole lisboeta abrangeu quatro continentes bem distantes – incluindo Europa, América, Ásia e África. Além disto, a Coroa Portuguesa teve que enfrentar diversas culturas de muitos patamares civilizacionais. Enquanto na Ásia os Portugueses tinham que confrontar-se com os povos bem conscientes da sua herança cultural e política, as ilhas atlânticas eram completamente desertas onde, para sobreviver e manter qualquer forma de vida, foi necessário criar o mundo a partir de zero. Os povos africanos, tanto do litoral do continente quanto do interior, tentaram preservar sua cultura, herança e tradição. O Brasil, porém, seguiu o caso das ilhas atlânticas. Apesar de ser povoado pelos grupos indígenas, estes grupos nunca estabeleceram as instituições políticas estáveis, nem uma proforma de estado. Por esta razão, ao entrarem no mundo diferente, os Portugueses tiveram que levar em consideração que os contatos com os povos locais sempre iam depender do grau da preservação da própria cultura, conscientização dos grupos locais e até da vontade destes para preservar própria cultura ou beneficiar-se dos contatos com os Portugueses.

²² Adams Bert N., *Interaction Theory and the Social Network, Sociometry*, vol.30, no.1 (mar.1967), s.65.

³ Clyde Mitchell J., *Annual Review of the Anthropology*, vol.3 (1974).

O motor para a expansão portuguesa foi o comércio e o desejo de difundir o cristianismo. Estes objetivos da expansão marítima portuguesa foram refletidas na famosa frase de um dos membros da armada do Vasco da Gama, quando chegaram à Índia, “viemos em busca de **cristãos** e **especiarias**”. Foi o comércio que contribuiu em grande medida na criação de um organismo estável e deu início às relações internacionais e interculturais.

Especialmente interessante para o Império Português seria o século XVII, porque podemos ver o império bem definido com as suas estruturas administrativas e as bem desenvolvidas políticas comerciais. Antes, o Império quatrocentista foi marcado pela reconquista e pelas tentativas de demarcar o seu território e a sua cultura, diante da expansão cultural da Castela que inundava o pequeno país português. Começaram a criar-se os fundamentos da civilização portuguesa que baseava na constituição da própria distinta língua que substituiria o latim nos documentos oficiais da Coroa e será difundida ao povo através das primeiras poesias líricas como Cantares de Amor e os Cantares de Amigo. As primeiras crônicas do Zurara e o reconhecimento europeu da Universidade de Coimbra resultaram em reconhecimento de Portugal na área europeia. O século XVI trouxe muitas novidades para a Lisboa. Com a descoberta da Índia em 1497, o *achamento* do Brasil em 1500, a conquista de Malaca e Molucas em 1511, a posse de Ormuz em 1515, a chegada ao Japão em 1542/1543 e a posse de Macau (uma alternativa para a Malaca no comércio com a China) em 1545, o Império Português conseguiu definir a maioria das suas fronteiras. O século XVI é marcado principalmente pelo comércio – os Portugueses substituíram os árabes como intermediários no comércio entre Ormuz, Calcuta, Goa, Malaca e Macau. Na Ásia, o Império assumiu o caráter capitalista onde o monopólio continuou nas mãos do *El-Rei*. Na viragem do século XVI/XVII a cultura portuguesa se difundia por todas as colônias do império. Os missionários portugueses ensinaram o português e se dedicaram às primeiras traduções (português-japonês, português – tupi-guarani, língua geral etc). As ciências, técnicas e ideologias políticas inundaram todo o Império Português. A Ásia se beneficia da herança cultural e literária de Portugal. Levando em consideração tudo isto, os Portugueses começaram o novo século XVII com um

enorme império ultramarino definido, que passava da fase litoral e portuária para o império terrestre. Além disto, foi um império bem estruturalizado onde a língua franca, a língua de negociações comerciais e a língua que ligava os colonatos com os locais era de fato português. Mesmo se o século XVII foi marcado pelas perturbações devido ao crescente poder da Holanda e Inglaterra, o Império Português contagiou suas terras com sua cultura, sua língua, deixando em suas colônias as sociedades bem aportuguesadas.

3. **Social networking no Império Português**

A política principal de “social networking” foi movida pelo fato de que os Portugueses iam às colônias ultramarinas para ficar e não apenas para conquistar. O objetivo dos Portugueses foi se fixar no ultramar. Desta maneira, entende-se que o mundo lusófono nunca dependia só do número de Portugueses que viajavam e habitavam as colônias. Pela grande expansão portuguesa foram responsáveis pouquíssimos homens portugueses visto que em todo Portugal, no primórdios da sua expansão, houve apenas 1 milhão de pessoas. Convém assinalar que o sucesso do Império Português não eram as grandes povoações dos portugueses no ultramar, mas sim a população flutuante portuguesa e mista e também graças ao caráter extremamente móbil dos portugueses que viajaram, mudaram dos países e muitas vezes não voltaram mais a Portugal.

Nas colônias portuguesas surgiu um fenómeno social que era a identidade colonial portuguesa. Charles Boxer deu um ótimo exemplo deste fenómeno – quando os Portugueses foram derrotados pelos Holandeses na Ásia e em seguida substituídos por eles, governador holandês em Batávia – van Dieman em 1642 apontou para <<forma do apego das gentes portuguesas às colônias, a ponto de se esquecerem do regresso à metrópole>>. ⁴ Teresa Lacerda também prestou atenção para este sentimento de pertença dos filhos dos Portugueses residentes na Ásia. Um exemplo interessante para isto seria Macau onde – segundo Teresa Lacerda - <<todos os Portugueses aí casados nos séculos XVI e XVII

⁴ Boxer C.R, *O império Marítimo Português 1415-1825*, Edições 70, LDA, Lisboa 2011.

(tivessem nascido na Europa ou na Ásia) tinham esposas asiáticas e os seus filhos, inevitavelmente mestiços (...). Estes homens <filhos> conheciam as línguas locais, nunca tinham visto Portugal e a Europa, nem sequer o mundo atlântico, mas também falavam a língua portuguesa, assumiam oficialmente a Fé no Evangelho e as regras da Igreja e eram em regra defensores do Império Português>>.⁵ Estes exemplos mostram que no Império Português surgiu uma identidade comum ultramarina baseada na cultura portuguesa.

Quais foram então as práticas para construir um grande global <<social network>> baseado na herança da cultura portuguesa?

Tudo, sem dúvida, começou com a difusão da língua portuguesa pelas todas as colónias do Império Português até quando se tornou língua franca de comércio e de comunicação em todos os países do império. Já no século XV houve uma consciência do poder da difusão da própria língua. Lorenzo Valla na primeira metade do século XV disse na sua obra <<*De linguae Latinae elegantia*>> que <<um império vive e terá vida na medida em que se ensina a sua língua e transmite a sua cultura aos novos súbditos>> A língua dos conquistadores era um importantíssimo meio para garantir maior solidez a um império e também para difundir a sua fé, ideologia e cultura. Por esta razão era necessário criar os sólidos fundamentos da própria língua portuguesa e distingui-la da língua castelhana. Os primeiros manuais da língua português foram criadas graças ao Fernando Oliveira e João de Barros. A obra do Fernando Oliveira intitulada <<*Gramatice de lingoagem portuguesa*>> publicada em 1536 e a obra do João de Barros <<*Dialogo em lavour da nossa linguagem*>>.

*Eu não falo naqueles vocábulos latinos de que a Espanha tomou posse antigamente; mas, agora, em nossos tempos, com a ajuda da impressão, deu-se tanto a gente castelhana e italiana e francesa às trasladações latinas, usurpando vocábulos, que os fez mais elegantes ora do que foram há cinquenta anos. Este exercício, se nós o usássemos, já teríamos conquistada a língua latina, como temos a África e a Ásia, à conquista das quais nos demos mais que às trasladações latinas. João de Barros <<*Dialogo em lavour da nossa linguagem*>>.*

⁵ Costa, João Paulo Oliveira e, Lacerda Teresa, *Interculturalidade na Expansão Portuguesa*, Paulinas Editora – Prior Velho, Lisboa, 2007.

Convém assinalar também as obras missionárias na promoção das línguas e manuais de gramáticas de novos idiomas. Padre João Rodrigues foi autor da primeira gramática da língua japonesa intitulada *Arte da Lingoa de Iapan* no início do século XVII. Em 1600 um mercador inglês conseguiu comunicar-se com um nobre japonês em português. Por esta razão os Holandeses levaram intérpretes de português em seus bordos. E nos meados do século XVII os reis de Ceilão usaram português para se comunicarem com os Holandeses mesmo que português era usado oficialmente apenas nos territórios sob administração da Coroa portuguesa – Goa, Damão, Diu, Macau, China, Timor.

A difusão da língua foi o primeiro passo para criar <<social networking>> no Império Português. A língua conseguiu unir os povos para que pudessem se comunicar sem obstáculos. João de Barros observou também <<que a herança do império não são as crónicas mas língua como testemunha da sua vitória>>. No caso do Império Português parece que deu realmente certo que a língua portuguesa se mantinha língua de comércio na Ásia até ao século XIX e se mantém língua oficial em todas suas ex-colónias. A língua portuguesa se tornou uma herança do Império Português nesta medida que nos meados do século XX durante as guerras da independência de Cabo Verde e Guiné-Bissau, o revolucionário Amílcar Cabral dissera que <<Camões também é nosso!>>. A língua ajudou bastante na criação das sociedades semi – homogenias onde foram compartilhadas os mesmos/parecidos valores, crenças, estilo da vida <<consumismo>>.

Segundo passo para criar o <<social networking>> do Império Português foram a fixação e os povoamentos dos oficiais, religiosos, mercadores nas colónias portuguesas. Na Ásia e África veremos as comunidades de mercadores portugueses e locais onde foram possíveis as primeiras trocas culturais além apenas de trocas comerciais. Os homens de negócios asiáticos também se fixavam nas cidades portuguesas do ultramar Aqui podemos destacar dois grupos que contribuíram na criação de <<social networking>> - os casados – militares portugueses que abandonaram o serviço militar e se fixaram nas áreas dominadas pelos Portugueses. Possuíam lojas e competiam pelos contratos governamentais; em todas as cidades portuárias interagiam com os comerciantes, mercadores e financeiros locais. Houve também um grupo chamado de solteiros que eram os homens que tinham

abandonado regiões portuguesas e residiam noutras zonas do litoral. Um fato extremamente interessante é que os mercadores portugueses do oceano Índico tinham ligações com as Américas.

Neste momento vale a pena comparar as sociedades dos mercadores portugueses de acordo com a teoria do Ferdinand Tönnies – *Gemeinschaft* (comunidade) e *Gesellschaft* (sociedade) que de fato são dois tipos das redes sócias dentro de uma determinada sociedade. A teoria de Tönnies de *Gemeinschaft* e *Gesellschaft* pode providenciar as bases históricas do contemporaneamente entendido social networking.

Neste caso o *Gemeinschaft* seria entendido como comunidade que <<baseia-se numas relações pessoais, compartilhamento das ideias, valores, tradições (talvez seja o exemplo do Brasil). Outra definição reflete que a *Gemeinschaft* é the network of personal relationship, common values and ideas and a strong sense of group belonging. /// Ele [Tönnies] ainda classificou as relações comunitárias, segundo sua forma, em três tipos: a) as relações autoritárias, de modo geral predominantes, repousando na desigualdade de poder e querer, de força e autoridade (o modelo ideal seria a relação entre pais e filhos); b) as relações de companheirismo, com origem na isonomia geracional (relação entre irmãos); c) e as relações mistas, que combinariam as duas formas (relação entre cônjuges) (TÖNNIES, 1942: 54-75). Esses padrões de relações comunitárias se realizariam territorialmente através de três núcleos espaciais: a casa, a aldeia/vila e a cidade. CASSIO BRANCALEONE, COMUNIDADE, SOCIEDADE E SOCIABILIDADE: REVISITANDO FERDINAND TÖNNIES REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS v. 39 n. 2 2008.

Gesellschaft, porém, é – *modern cosmopolitan societies with their government bureaucracy and large industrial organizations to weaken the traditional bounds. Human relations are more impersonal and direct. /// (...) os novos atores despertos pelas potências do mercado urbano (como a classe de comerciantes), por sua vez, dirigiriam sua atenção para fora, para transpor territórios (...).No circuito das relações societárias, Tönnies denominou por vontade arbitrária aquilo que é produto da sociabilidade mercantil, orientada em grande medida pelo cálculo, o tráfico e o contrato. Indivíduos autoconscientes de seus interesses entrariam em relação uns com os outros, instrumentalizando meios que lhes estivessem ao alcance, considerando pura, fria e simplesmente regras estabelecidas no plano contratual. É o domínio da racionalidade,*

como atestava: “*sociedad no es otra cosa que la razón abstracta*”. CASSIO BRANCALEONE, COMUNIDADE, SOCIEDADE E SOCIABILIDADE: REVISITANDO FERDINAND TÖNNIES REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS v. 39 n. 2 2008.

Grande papel na criação de <<social networking>> desempenhou a própria Coroa Portuguesa e as políticas administrativas implementadas nas regiões conquistadas. Aqui queria prestar atenção para as atuações diplomáticas de Lisboa e também para a arte de negociações dos agentes portugueses. Os Portugueses não tentaram atacar as posições costeiras mas procuraram atuar diplomaticamente ou se beneficiar dos conflitos locais tornando-se mediadores, como em Angola ou em Benin onde ajudaram nas batalhas. Em 1512 os Etíopes enviaram um embaixador ao governador português na Índia e no mesmo ano Portugal enviou sua embaixada à Etiópia. Alguns Portugueses permaneceram aí como forma de combate especial mas acabaram por contrair os matrimônios com as mulheres da elite etíope. Em meados do século XVI Portugal conseguiu estabelecer já relações estáveis em toda a costa africana e fundar as bases nas ilhas de Arguim, Cabo Verde, Senegâmbia, São Tomé e Príncipe e Ilha de Moçambique. Na Ásia, porém, as ações portuguesas não podiam ser levadas a cabo separadamente das considerações locais – tudo dependia dos caprichos locais. A Coroa procurou garantir três bases - segurança, comunidade e oportunidade. Segurança foi entendida por estabelecimento da administração estável para criar um ambiente físico para os futuros colonos. Em seguida criar espaço vital – ou seja – vilas ou aldeias onde os colonos se pudessem instalar e estabelecer as suas comunidades e no final dar as oportunidade de ascensão social e financeira a estes colonos. Seria necessário também avaliar como as políticas e poderes locais contribuíram no estabelecimento das relações duradouras do Império Português – Igreja Católica, Inquisição, Conselhos Municipais, Misericórdias e os agentes da Coroa (Casa da Índia, Conselho do Ultramar, vice-reis, governadores, juízes, capitães, supervisores financeiros e agentes comerciais. Entre estes cargos tem duas instituições que merecem ser mencionadas. Em Macau o Conselho Municipal intervinha diretamente nos assuntos governamentais até 1623 quando o rei português nomeou um capitão para a cidade. Contudo Charles Boxer em *Portuguese Society in the Tropics* sublinhou o grande papel da Misericórdia para estabelecer a solidariedade, socialização e o apoio entre as elites residentes no ultramar. Outro caso interessante para analisar poderia ser a Irmandade de

Nossa Senhora do Rosário onde – como relevam as fontes – logo assumiu o caráter misto. Já em 1513 a Irmandade incluía negros eleitos para os órgãos de governo.

Giuseppe Marcocci em *Consciência de um Império* prestou atenção para as soluções de compromisso da Coroa Portuguesa. Como um exemplo mostrou o caso do D. João III sobre uma disputa entre as aspirações de Lisboa de manter um domínio direto sobre o comércio das especiarias na Europa e trocas locais na Ásia e resistência destes mercadores e oficiais que estavam em serviço à Coroa na Índia. Giuseppe Marcocci disse que

<<desde os anos 30 [do século XVI] D. João III procurava soluções de compromisso. Em particular tinha tentado satisfazer as exigências dos mercadores portugueses e não só, ativos na delicada área sudeste do Oceano Índico (em 1539 por exemplo tinha abolido o monopólio sobre a compra e venda de cravinho e noz moscada nas Molucas) evitando ao mesmo tempo através de medidas fiscais, os riscos de uma gestão autónoma e privada do tráfico comercial cujos proventos eram de vital importância para a manutenção do império>>⁶

Com fim de estabelecer as relações duradouras foi necessário também a aplicação dos valores europeus no ultramar. Podemos observar uma circulação de know-how, ou seja a circulação das pessoas / funcionários por todos os quatro continentes que eram empregados na construção de instalações especializadas (como engenhos de açúcar nas ilhas atlânticas e no Brasil), a construção de fortificações e igrejas na África e na Ásia e construção naval. Em 1556 os jesuítas fundaram o primeiro seminário no Colégio de São Paulo em Goa, na Índia. Entre os 110 alunos foram: Portugueses, mestiços, euroasiáticos, moradores de Goa, malabares, Gujarat, bengal, etíopes, chineses, armênios e os habitantes da tribo Bantu da África Leste. Surgiu também de uma arte sincrética (arte Namban no Japão no século XVI, arte luso-oriental (XVI-XVII) e as sincréticas religiões afro-brasileiras. Sem dúvida o sincretismo na religião e arte foi uma maneira modesta para implementar os valores europeus às sociedades locais. O exemplo mais deslumbrante seriam as esculturas e estatuetas bíblicas em marfim que circulavam pela Ásia. Ou seja temos uma estatueta bíblica da tradição europeia, feita de marfim produto oriundo da África Oriental que refletiam também as

⁶ Marcocci Giuseppe, *A Consciência de um Império*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012, pg.282.

tradições e crenças asiáticas – como a estatueta de Menino Jesus – que apresenta um jovem Jesus fisicamente parecido ao Buddha.

4.

Metodologia

Um dos métodos para analisar as sociedades portuguesas ultramarinas seria o Social Network Analysis onde o foco não seriam os indivíduos, mas sim as relações entre grupos ou instituições. (*Exemplo de relações no SNA – bridging ou bonding.*)

“The main goal of Social Network Analysis is detecting and interpreting pattern of social ties among the actors.”

Wouter De Nooy , Andrej Mrvar, Vladimir Batagelj, Exploratory Social Network Analysis with Pajek (Structural Analysis in the Social Sciences) pg.5.

Nas ciências sociais contemporâneas <<social networking>> pode ser analisado também através da teoria do <<capital social>> que será conscientemente evitada por mim, porque o <<capital social>> é entendido como o <<poder de co-atuação>> que não implica a consciente política da criação das relações duradouras.

As vertentes que podem ajudar-me nesta pesquisa

- criação da portuguesa identidade ultramarina tanto entre os Portugueses fixados no ultramar como nas sociedades locais
- surgimento das sociedades semi-homogenias onde serão compartilhadas os mesmos/parecidos valores, crenças, estilo da vida
- a descrição de uma família da elite que vivia numa parte do ultramar português e através qual seria possível analisar este fenómeno
- os relatos de determinados grupos sociais como – soldados, aventureiros que estabeleciam menos formais relações com as colônias portuguesas e também com o mundo em torno do Império Português.

5.

Conclusões

Social networking pode ser considerado o avanço e progresso da globalização entendida como internacionalização da integração transfronteiriça se seguirmos a definição da globalização segundo a Libery of Congress of the USA que dizque <<*the growth in international exchange of goods, services, and capital, and the increasing levels of integration that characterize economic activity. In this sense, globalization, is only another word for internationalization. Importantly, it is economic activity that is fuel and furnace of cross-border integration*>>.

Nas minhas pesquisas vou tentar procurar as respostas para os seguintes temas. Se a identidade ultramarina pode ser o fruto de social networking. A identidade entendia como sentimento de identificação e pertença às terras e talvez alguns objetos que contribuíram no surgimento de um sentimento ultramarino. Sem dúvida posso dizer que <social network>> foi o fruto de contatos comerciais e negociações que depois converteram se em interações – querendo ou não. Talvez o <<networking>> não foi criado só voluntariamente mas também pelas necessidades. Os colonatos portugueses sempre dependiam de mão-de-obra local e conhecimento local, então o <<social network> foi inevitável.

Em grande medida os elementos responsáveis pelo estabelecimento de relações duradouras serão as reformas políticas, instituições e administração, estratégia da Coroa, integração com os povos locais e conversão das populações locais.

Com certeza vamos observar que vai ter diferentes formas de <<social network>> nas colônias ultramarinas. Enquanto na África e Ásia o <<social network>> vai ser possível graças às negociações políticas, diplomáticas e comerciais e à política de compromisso e de balancear entre vários grupos sociais, no Brasil vai ser a exportação das instituições que possibilitou a criação de <<social network>>. Neste caso Lisboa exportou algumas instituições metropolitanas para o Brasil e em seguida deu-lhe uma primeira estrutura organizativa.

Nas conclusões queria destacar as observações das três grandes personalidades do mundo acadêmico – Gorge Modelski, Russell Wood e Serge Gruzinski.

George Modelski <<*not world empire but global leadership*>>.

Russell Wood << *um mundo em movimento marcado pela continua deslocação de homens, produtos, culturas e técnicas*>>

Serge Gruzinski <<*Criação de uma cultura global a partir de processos de hibridização e mestiçagem na época da união entre as coroas ibéricas*>>

Os Portugueses eram os líderes da política mundial. Não apenas construíram um império da dimensão global mas eram os criadores da liderança global. A contínua deslocação de pessoas e bens e também processos de hibridização levaram a vários fenómenos como – convívio global, influências recíprocas, convívio de troca e mundialização. O interligado império português mudou sua face de um império marítimo para o império transnacional, transoceânico, transcontinental e interdependente.

BIBLIOGRAFIA

- 1) Bethencourt, Francisco, and Diogo Ramada. Curto. A Expansão Marítima Portuguesa, 1400-1800. Lisboa: 70, 2010
- 2) Boxer, Charles R. O Império Marítimo Português: 1415 - 1825. Lisboa: Ed. 70, 2011.
- 3) Disney, Anthony R. História De Portugal E Do Império Português. Lisboa: Guerra E Paz, 2011.
- 4) Kieniewicz, Jan. Portugalczycy w Azji XV-XX wiek. Wrocławska Akademia Naukowa. Wrocław 1976.
- 5) Małowist, Marian. Konkwistadorzy Portugalscy. Warszawa: Państw. Instytut Wydawniczy, 1992.
- 6) Marcocci, Giuseppe. A Consciência De Un Império: Portugal E O Seu Mundo (sécs. XV-XVII). Coimbra: Imprensa Da Universidade, 2012.
- 7) Oliveira e Costa João Paulo, Rodrigues José Damião, Aires Oliveira Pedro. História da expansão e do império português. Lisboa: A esfera dos livros, 2014.

- 8) Oliveira e Costa João Paulo and Lacerda Teresa. A Interculturalidade Na Expansão Portuguesa: Séculos XV-XVIII. Lisboa: Alto Comissariado Para a Imigração E Minorias Étnicas, 2007. Web.
- 9) Oliveira Marques A.H. de. Breve História de Portugal. Lisboa. Editorial Presença, 8ª edição 2012.
- 10) Sousa, Bernardo Vasconcelos E, Rui Ramos, e Nuno Gonçalo Monteiro. História De Portugal. Lisboa: Esfera Dos Livros, 2012.
- 11) Teixeira, André. Fortalezas, Estado Português Da Índia: Arquitextura Militar Na Construção Do Império De D. Manuel I. Lisboa: Tribuna Da Historia, 2008.
- 12) Tymowski, Michał, Historia Mali, Zakład Narodowy Imienia Ossolińskich 1979.